

## O CONCEITO DE IDENTIDADE EM HERÁCLITO DE ÉFESO

**ABDU**, Eduardo de Carvalho Azank. UNIUBE. [eduardo.azank@uniube.br](mailto:eduardo.azank@uniube.br)

**ABREU-BERNARDES**, S. T. – REDECENTRO/UNIUBE – [gui2009@terra.com.br](mailto:gui2009@terra.com.br)

**ET**: Educação, arte e filosofia / n.º 01

Este texto apresenta um recorte da pesquisa de mestrado “Ser e fazer-se docente: desvendando a identidade do professor de Direito”. Essa investigação integra-se à Rede de Pesquisadores sobre os Professores do Centro-Oeste-REDECENTRO.

Na dimensão filosófica, o conceito de identidade refere-se à compreensão do ser, como apresentamos, a seguir, em diálogo com alguns fragmentos heraclitianos e alguns de seus comentadores.

### **O devir e o conceito de identidade em Heráclito**

A *akmé* de Heráclito de Éfeso situa-se por volta da 69ª Olimpíada, 504-501 a.C. Um dos filósofos pré-socráticos mais importante de sua época, natural de Éfeso, era filho de uma família com prerrogativas reais. Era um homem de sentimentos elevados e também muito orgulhoso, resultado, provavelmente, de uma educação aristocrática. Descontente com o regime político – apesar de sua família estar diretamente ligada ao regime e governar os destinos de Éfeso, preferiu refugiar-se nas montanhas e, a partir dali, com o contato direto com a natureza, passou a expressar os acontecimentos que se lhe apresentavam.

Nesse contexto, escreveu o livro *Sobre a Natureza*, em prosa (o que era incomum na época) de tal modo conciso que lhe foi atribuído o cognome O obscuro. Esse livro, segundo a opinião de alguns, teria sido escrito de forma hermética propositadamente e depositado no templo de Ártemis, com o objetivo de que seu conteúdo fosse conhecido somente por aqueles que tinham condição de entendê-lo, segundo comentário de Kirk et al (1994, p. 190).

Contudo, Friedrich Nietzsche entende que Heráclito não era fazedor de enigmas ou obscuro, esclarecendo que o mesmo descrevia apenas o mundo que aí está, e encontrava nisso o bem-estar contemplativo com que o artista olha para sua obra vindo a ser (NIETZSCHE, 1973, p. 114).

A ideia de Nietzsche, ao dizer que Heráclito não era enigmático ou obscuro, se resume ao fato de considerá-lo sim lacônico, mas que essa obscuridade somente ocorreria em relação àqueles leitores apressados. Sabendo-se ler Heráclito, esses apelidos passam a não ter qualquer ligação com o filósofo.

Sombrio, melancólico, lacrimoso, escuro, atrabiliário, pessimista e, de modo geral, odioso, só o acham aqueles que não têm motivo para ficar satisfeitos com sua descrição natural do homem. Mas ele consideraria a estes, com suas antipatias e simpatias, seu ódio e seu amor, como indiferentes, e lhes teria servido ensinamentos tais como: “Os cães latem a todo aquele que não conhecem”, ou “O asno prefere a palha ao ouro” (NIETZSCHE, 1973, p. 114-115).

Infelizmente, o livro de Heráclito chegou até nós somente em forma de fragmentos, e esses passaram a ser interpretados por filósofos e estudiosos como Chauí (2007), Hegel (1973), Kirk (1994) e Nietzsche (1973). É com base nesses fragmentos e interpretações, especialmente aos que se referem à questão da identidade do ser, que desenvolvemos este texto. Segundo Chauí (2007, p. 80), foram encontrados 132 ou 135 fragmentos.

Diels (apud KIRK et al, 1994, p.190) apresenta a hipótese de que Heráclito não teria escrito um livro, mas que somente expôs seu pensamento sob a forma de sentenças. Essas sim deveriam ser interpretadas pelos estudiosos da época.

As ideias de Heráclito tinham como fundamento as seguintes assertivas: o mundo é um vir a ser, há uma unidade que permanece na pluralidade e mutabilidade das coisas e existe uma lei universal e fixa — o *lógos* — que rege todos os acontecimentos e fundamenta a harmonia universal, obtida nas tensões entre os seres.

A intenção de Heráclito de Éfeso era nos fazer compreender que a forma de conhecimento se dava pela interpretação dos sinais que nos eram apresentados, pois interpretando os sinais – pensamento e palavra – encontraríamos a razão de todas as coisas, e entenderíamos como elas se transformam. Essa seria a chave mestra da obra deixada por Heráclito de Éfeso, ou seja, que o mundo é um constante devir (CHAUI, 2007, p. 80).

Alguns fragmentos expressam o pensamento de Heráclito sobre o devir do ser, porque, no seu entendimento o mundo era uma mudança contínua e incessante, e a permanência um estado de ilusão, como se lê em “12 – Para os que entram nos mesmos rios, afluem sempre outras águas; mas do úmido exalam também os vapores”, ou em 49a – “No mesmo rio entramos e não entramos, somos e não

somos” (HERÁCLITO, 1973, p. 86/90).

Nesse fragmento, expressa-se a ideia mestra de Heráclito, [...] que o mundo é mudança contínua e incessante de todas as coisas e que a permanência é ilusão. [...]. Tudo muda, nada permanece idêntico a si mesmo. O movimento é, portanto, a realidade verdadeira (CHAUI, 2002, p. 81).

Para continuarmos a interpretação dos fragmentos heraclitianos, é necessário que façamos uma divisão de temas, pois assim entenderemos com maior exatidão seu real pensamento.

Heráclito acreditava no mundo como um constante devir. Esse devir seria uma forma de provocar a continuidade de um ciclo que poderia ser extensivo a todas as coisas. Analisando essas transformações, Heráclito fazia essa aplicação ao próprio ser.

Esse constante e eterno devir dito por Heráclito mostra como é a concepção da realidade. Os fragmentos que descrevem a questão de que não poderemos entrar no mesmo rio por duas vezes, demonstram esse pensamento, inclusive com relação à identidade do ser. Heráclito considerava, portanto, pelo que se pode inferir dos fragmentos que restaram, que tudo é movimento e que nada pode ser idêntico a si, já que tudo flui num ritmo incompatível com qualquer grau de permanência.

As transformações que se originam a partir de cada movimento estão diretamente ligadas à questão da identidade do ser. Por meio da identificação das transformações que fazem parte da natureza humana e que constituem o fluir do mundo, chega-se a um conhecimento maior sobre o ser humano. Porém, Heráclito nunca deixou de afirmar que “O ser é um, o primeiro; o segundo é o devir” (HEGEL, 1973, p. 98).

Considerava, então, que o ser jamais deixará de ser o próprio ser, mas que a formação do ser seria o devir. O ser não é, por isso é o não-ser, e o não-ser é, por isso é o ser; isto é a verdade da identidade de ambos (HEGEL, 1973, p. 99).

Verificamos que na visão de Heráclito o ser não possui uma natureza estática. Ao contrário, é dinâmica, pois tudo flui, tendo que ser entendida a partir do devir eterno. O filósofo de Éfeso preocupa-se “com o real, ele busca explicar a realidade em seu sentido de harmonia, que para ele — e aí está a sua grande contribuição — é a harmonia dos contrários” (ABREU-BERNARDES, 2004, p. 3).

Diante da natureza dinâmica do ser são produzidas tensões, e diante da discórdia encontraremos a ordem necessária, e assim sucessivamente. “O contrário

é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia” (HERÁCLITO, Fragmento n. 8, 1973, p. 95). E ainda: “Não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, como de arco e lira” (Heráclito, Fragmento n. 51, 1973, p. 94).

Friedrich Nietzsche sobre o vir a ser heraclítico, assim se pronunciou:

Não vejo nada além do vir-a-ser. Não vos deixeis enganar! É vossa curta vista, não a essência das coisas, que vos faz acreditar ver terra firme onde quer que seja no mar do vir-a-ser e perecer. Usais nomes das coisas, como se estas tivessem uma duração fixa: mas mesmo o rio, em que entraís pela segunda vez, não é o mesmo da primeira vez (NIETZSCHE, 1973, p. 109).

A inquietude natural do ser humano pode ser interpretada como a expressão do devir. As questões que nos apresentam hoje já não serão as mesmas questões de amanhã. O raciocínio que fazemos para compreender as questões que nos apresentam, pode nos mostrar que a interpretação antiga não deverá prevalecer.

Para reafirmar o mundo como um devir eterno, Heráclito apresentava outro tema, no qual tinha o devir como decorrência de uma eterna luta entre os contrários, que se digladiam para que, ao final, somente um viesse a permanecer. A luta desses contrários decorre da necessidade do próprio ser e ocorre na medida adequada, atendendo suas próprias exigências.

Não se trata de discórdia ou guerra, pois, no seu entendimento, seria com essa luta que se chegaria ao que era comum, alcançando a harmonia. Portanto, com o próprio ser se digladiando, a resposta final seria o próprio ser, fato que está diretamente ligado à própria identidade. É com essa multiplicidade de opostos que nos deparamos com a realidade do ser.

Passamos então a analisar outro tema escrito por Heráclito e que se refere à unidade da multiplicidade.

É com a existência da luta entre os opostos que concluímos que o um é o próprio múltiplo, citando, como exemplo, a questão do doce e do amargo, ou ainda, com a guerra chegamos à paz. Entendendo que os opostos são necessários para que um venha a existir e, portanto, inseparáveis, temos o sentido de que tudo é um. O ser sempre existirá, pois é um, mas esse um sempre será múltiplo, uma vez que tudo flui (*pànta reî*). “Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo” (HERÁCLITO, 1973, p. 94).

Demonstrando que tudo é um, ou seja, que a própria unidade pode ser multiplicidade e vice-versa, fazendo crer que o movimento e as transformações são constantes, Heráclito também comprovou que esse um é mantido em sua essência.

Com a compreensão do movimento e da transformação dele oriunda, poderemos verificar que a identidade do ser também é parte integrante do fluxo eterno. Porém, mesmo diante da transformação constante, ele jamais perderá a identidade do ser. Todas as coisas se modificam ou podem modificar-se, mesmo as aparentemente estáveis. Essas mudanças refletem diretamente na identidade do ser. Aquilo que efetivamente permanecer com a mudança é a própria identidade.

## Referências

ABREU-BERNARDES, S. T.. **Pànta rei**: o que o devir da obra de Picasso ensina ao professor. Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação – ANPED, 27. Anais... Caxambu, ANPED, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/qt08/p085.pdf> Acesso em: 21 jul. 2011.

CHAUI, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles, 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, v. 1.

HEGEL, G. W.F. **Os Pré-Socráticos**: Heráclito. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 98-116 (Coleção Os Pensadores).

HERÁCLITO DE ÉFESO. **Os Pré-Socráticos**: Heráclito. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 85-97 (Coleção Os Pensadores).

KIRK, G. S.; RAVEN, J. B.; SCHOFIELD, M.. **Os filósofos pré-socráticos**: história crítica com seleção de textos. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

NIETZSCHE, F.. **Os pré-socráticos**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 108-116 (Coleção Os Pensadores).